

INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA NA APRENDIZAGEM DE L3: UM ESTUDO DE CASO COM RUSSO, INGLÊS E PORTUGUÊS

RENAN CASTRO FERREIRA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹UFPEl – renan.ferreira@hotmail.co.uk

²UFPEl – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem de um novo idioma é, por natureza, um movimento de línguas em contato, no qual a língua-alvo (LA) e todo o conhecimento linguístico prévio do aprendiz se influenciam mutuamente. No caso de uma terceira língua (L3), esse conhecimento inclui sua(s) língua(s) materna(s) (L1) e outras línguas que ele saiba. Neste processo de aquisição de uma nova língua, o aprendiz estabelece, consciente ou inconscientemente, relações de semelhança e diferença entre os sistemas linguísticos em contato, e utiliza essas relações para construir hipóteses sobre o funcionamento da LA (RINGBOM, 2007).

No presente trabalho, apresentamos um estudo de caso no qual analisamos o efeito das similaridades translinguísticas percebidas e presumidas sobre influência translinguística L1-L3 e L2-L3 nas produções escrita e oral de uma aprendiz de português que é falante nativa de russo e é fluente em inglês, e nas de um aprendiz de russo que tem como L1 o português e também é fluente em inglês. Por serem línguas indo-europeias, português, inglês e russo conservam várias características tipológicas comuns, mas também várias diferenças, já que não fazem parte do mesmo subgrupo (pertencem, respectivamente, aos subgrupos românico, germânico e eslavo) (LEWIS, 2016). Buscamos, de modo geral, contribuir com a pesquisa sobre multilinguismo, em especial aquisição de língua estrangeira, e ressaltar a importância de se estudar a percepção que os aprendizes têm acerca das similaridades entre as línguas.

Quanto aos pressupostos teóricos a nortearem o presente estudo, partimos da ideia de que o aprendiz de L2/L3 desenvolve o seu próprio sistema linguístico mental (*i.e.* interlíngua) (SELINKER, 1972), que se transforma constantemente é afetado por fatores como a influência translinguística (também chamada *transferência*), que pode ser definida como a influência do conhecimento prévio de uma língua sobre o conhecimento ou uso de outra (ODLIN, 1989). Como um dos principais fatores a afetarem a transferência, reconhecemos a *psicotipologia* (*i.e.* a percepção do aprendiz sobre as semelhanças e diferenças entre as línguas) (KELLERMAN, 1977), conceito este que foi mais tarde aprofundado por RINGBOM (2007), que o chamou *similaridades translinguísticas* (ST).

Existem, entretanto, vários outros fatores que afetam a influência translinguística, tais como o nível de proficiência, frequência de uso, consciência (meta)linguística, dentre outros. Quanto à proficiência, parece existir um consenso de que a transferência é mais provável de ocorrer em níveis mais baixos de proficiência da LA (ODLIN, 1989) e, no caso da aquisição de L3, a influência L2-L3 só acontece se o aprendiz tiver alto nível de fluência na L2 (HAMMARBERG, 2001). No presente trabalho, levamos em conta a questão do nível de proficiência, mas optamos por nos concentrar nas ST pois este é tido hoje em dia como um dos principais fatores a controlar a dinâmica da influência translinguística e,

consequentemente, a interlíngua (RINGBOM e JARVIS, 2011; MURPHY, 2003; JARVIS & PAVLENKO, 2010).

Para RINGBOM (2007) há dois tipos de ST: as objetivas e as subjetivas. *ST Objetivas* são as semelhanças que realmente existem entre duas línguas, o verdadeiro grau de congruência entre elas, determinado através de estudos comparativos em áreas como Linguística Histórica e Tipologia. *ST Subjetivas* são semelhanças que o aprendiz percebe ou acredita existir entre duas línguas e “são a base sobre a qual eles formam identificações interlinguais, que servem como gênese para a maioria dos tipos de influência translinguística” (JARVIS e PAVLENKO, 2010, p. 179). RINGBOM (2007) argumenta que, depois de cruzado certo limiar de ST percebidas, o aprendiz passa a presumir que existam similaridades onde ele ainda não foi capaz de perceber. Enquanto as ST subjetivas (percebidas e/ou presumidas) levam o aprendiz a fazer uso da transferência, as ST objetivas determinarão se o resultado dela será aceitável ou não (transferência positiva ou negativa).

2. METODOLOGIA

O presente estudo analisou a influência translinguística entre português, inglês e russo na produção de dois sujeitos aprendizes de L3. Um deles é aprendiz de russo-L3, brasileiro, e tem como língua dominante sua L1, português, mas utiliza o inglês como L2 no trabalho e em casa, como principal língua para comunicação com sua esposa, que é russa. Esta, por sua vez, é o segundo sujeito deste estudo de caso, aprendiz de português-L3, falante nativa de russo e de inglês-L2, no qual é fluente, assim como seu esposo. Os dados foram coletados a partir de exercícios de escrita em LA e da conversação entre os sujeitos, que também ensinam as LA um ao outro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatamos que os aprendizes de fato estabelecem hipóteses sobre relações de similaridade tanto entre suas L1 e LA quanto entre a L2 (inglês) e LA. Os dados mostram ocorrência de transferência em várias áreas da língua: morfologia, sintaxe, semântica, pronúncia e, também, transferência conceitual.

No que concerne ao resultado da transferência, facilitação ou interferência, os dados mostram mais transferência negativa (ou erro) do que positiva, tanto da L1 quanto da L2, mas precisamos fazer duas ressalvas. Primeiro, já se sabe que a transferência negativa tende a sobressair-se não porque há mais interferência do que facilitação em geral, mas, simplesmente, porque a transferência negativa se manifesta através de erros e, por isso, é mais facilmente identificável. Por outro lado, quando a influência translinguística leva à facilitação, nenhuma pista concreta é deixada na fala/escrita do aprendiz, de forma que não é possível afirmar com certeza se determinado uso correto da LA se deve à transferência positiva ou se o indivíduo conseguiu aprender a forma ou função em questão sem ajuda de seu conhecimento de outra língua. A segunda ressalva é que em alguns dos exemplos analisados ocorreram tanto facilitação quanto interferência, o que corrobora vários estudos que postulam que a transferência não é negativa *ou* positiva, mas negativa e positiva (ELLIS, 1994; RINGBOM, 2007; JARVIS E PAVLENKO, 2010).

A percepção do aprendiz quanto a proximidade entre as línguas foi determinante tanto nos casos de transferência positiva quanto negativa. RINGBOM (2007) afirma que o aprendiz pode tanto *perceber* congruências

tipológicas entre as línguas em certa estrutura, quanto pode também se basear naquilo que ele estabeleceu com congruente para *supor* similaridades ainda não percebidas. Até certo ponto, esta dinâmica entre percepções e suposições aconteceu em todos os casos analisados neste trabalho, e isso corrobora o que defendem JARVIS e PAVLENKO ao afirmarem que “todas as similaridades percebidas são também similaridades presumidas, mas nem todas as similaridades presumidas são realmente percebidas” (JARVIS e PAVLENKO, 2010, p. 179).

4. CONCLUSÕES

O presente estudo de caso representa apenas uma pequena amostra da dinâmica da influência translinguística e da abrangência dos efeitos das ST no processo de aquisição de L3. Mesmo numa quantidade limitada de dados, conseguimos observar vários fenômenos descritos na literatura, tais como a atuação das ST percebidas e presumidas (*i.e.* psicotipologia) das línguas em contato na mente do aprendiz na produção em L3 e o efeito facilitador ou interferente das congruências tipológicas entre elas.

Apesar de existirem diversas outras variáveis a afetarem as transferências entre L1, L2 e L3, ficou evidente em nosso trabalho o profundo alcance e importância das questões (psico)tipológicas. Esperamos que a análise apresentada aqui possa contribuir e incentivar pesquisas mais detalhadas, e com mais dados, sobre a influência translinguística em aquisição de L3. Com um maior conhecimento acumulado a respeito de como esse fenômeno se dá, linguistas e professores de idiomas poderão trabalhar juntos para a criação de abordagens de ensino que utilizem ST como estratégia de ensino para uma aprendizagem mais eficaz de língua estrangeira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: OUP, 1994. 824 p.
- HAMMARBERG, B. Roles of L1 and L2 in L3 production and acquisition. In: CENOZ, J., HUFSEIN B. & JESSNER, U. (Eds.). *Cross-linguistic influence in third language acquisition: Psycholinguistic perspectives*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2001. p. 21-41.
- JARVIS, S.; PAVLENKO, A. *Crosslinguistic influence in language and cognition*. New York, NY: Routledge, 2010. 287 p.
- KELLERMAN, E. Towards a characterization of the strategy of transfer in second language learning. *Interlanguage studies bulletin*, 1977. v. 2, n. 1, p. 58–145.
- LEWIS, P. *et al. Ethnologue: languages of the world*. 19. ed. Dallas, Texas: SIL International, 2016. 1248 p.
- MURPHY, S. Second language transfer during third language acquisition. *Working Papers in TESOL and Applied Linguistics*, 3(1), 2003. p. 1–21.
- ODLIN, T. *Language transfer: cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1989. 210 p.



RINGBOM, H. *Cross-linguistic similarity in foreign language learning*. Clevedon, England: Multilingual Matters, 2007. 143 p.

RINGBOM, R.; JARVIS, S. The importance of cross-linguistic similarity in foreign language learning. *In*: Long, M. H., & Doughty, C. J. (Orgs.). *The handbook of language teaching*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011, p. 106–118.

SELINKER, L. Interlanguage. *IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 2009. v. 10, n. 1–4, p. 209–232.